

A TURQUIA DE ERDOĞAN O INÍCIO DO FIM OU SOMENTE O FIM DO INÍCIO?

Laura Bastos e André Barrinha

Desde há uma década parte do grupo das chamadas potências emergentes, a Turquia passa hoje por significativos processos de transformação política e social de desfecho inesperado, tanto interno, como na relação com aliados e parceiros regionais. O Partido da Justiça e do Desenvolvimento (AKP, na sigla turca), até agora o grande motor desta mudança, dá crescentes sinais de autoritarismo¹ e desgaste político. Apesar de tudo, 2014 acabará com Recep Tayyip Erdoğan como Presidente do país, confirmando o domínio hegemónico deste e do seu partido na cena política turca. A grande questão que agora se coloca é se esse domínio entrou numa irreversível fase de declínio em que a vitória nas presidências significa o canto do cisne do AKP, ou se, pelo contrário, a chegada de Erdoğan ao (novo e imponente) palácio presidencial representa a consolidação estrutural do partido, em que o kemalismo institucional que dominou a Turquia desde o nascimento da República é substituído por uma elite religiosa, conservadora, mas também neoliberal. Este artigo procura analisar os dois últimos e cruciais anos da vida política turca, mostrando como Erdoğan e o AKP passaram do quase colapso no verão de 2013, para o completo domínio institucional do país.

A CONFIRMAÇÃO DO PODER DE ERDOĞAN

Depois do ano de 2013 marcado por manifestações e confrontos violentos entre manifestantes antiGoverno e forças de segurança, 2014 caracterizou-se por uma intensa atividade política: primeiro com a realização de eleições autárquicas

RESUMO

O ano de 2014 na Turquia vai ficar marcado, internamente, pela consolidação do poder por parte de Recep Tayyip Erdoğan e externamente pelo escalar dos conflitos na Síria e Iraque, com a ascensão do Estado Islâmico (EI). Apesar dos protestos antiGoverno de 2013 e do escândalo de corrupção que envolveu o Governo, Erdoğan foi o grande vencedor das duas eleições realizadas no país – autárquicas e presidenciais. Um cenário temido por muitos que veem em Erdoğan um líder cada vez mais autoritário, de um país cuja política externa parece carecer de uma estratégia coerente.

Palavras-chave: Turquia, potências emergentes, Partido da Justiça e do Desenvolvimento, Médio Oriente

ABSTRACT

**THE ERDOĞAN'S TURKEY:
THE BEGINNING OF THE
END OR JUST THE END OF
THE BEGINNING?**

2014 was a year of paradoxes in Turkey. Internally, Recep Tayyip Erdoğan's power was reinforced by winning the two elections, local and presidential, with comfortable margins in spite of the antigovernment



protests and the corruption scandals involving the government. This was a scenario feared by many who see Erdoğan an increasingly authoritarian leader. Externally, Ankara had to face the escalation of the conflicts in Syria and Iraq, and the rise of the Islamic State, in a period in which Turkey seems to lack a coherent foreign policy strategy.

Keywords: Turkey, emerging powers, AKP, Middle East.

em março e, posteriormente, com a realização de eleições presidenciais, em agosto. Apesar de geralmente serem as eleições legislativas aquelas que mais peso têm num país com um sistema político parlamentar, no caso turco foram as autárquicas de 2014 que decidiram o rumo do país e do seu governo. Foi a confirmação do AKP com maioria parlamentar desde 2002, como favorito nestas eleições que reforçou o já esperado projeto de Recep Tayyip Erdoğan de abandonar o cargo de primeiro-ministro para se candidatar às eleições presidenciais. Assim, Erdoğan tornou-se no primeiro Presi-

dente turco eleito por sufrágio universal direto (51,7 por cento dos votos) com promessas de um aumento da influência do presidente nas decisões políticas no país.

As críticas da comunidade internacional ao crescente autoritarismo de Erdoğan, apesar de tímidas, fizeram-se sentir, por exemplo, por parte do embaixador americano na Turquia, John R. Bass, que declarou que a Ancara estaria a caminhar vagarosamente para um regime autoritário². Constitucionalmente, o Presidente da República da Turquia deveria permanecer uma figura simbólica e neutra. Erdoğan, no entanto, declarou no seu discurso de vitória que «um presidente não pode ser imparcial. Nenhum presidente neste país foi neutro e eu também não vou ser um presidente imparcial»³. Muito mudou na Turquia e em Erdoğan nestes últimos 12 anos.

OS PRIMEIROS ANOS

O partido de Erdoğan formou-se em 2001, depois do Partido da Virtude (Fazilet Partisi) ter sido banido pelo Tribunal Constitucional, devido à sua insistência em acabar com a proibição do véu islâmico nas universidades⁴. Como consequência, os membros do partido dividiram-se entre uma ala mais reformista e outra tradicional. Foi a ala reformista que esteve na base da criação do AKP cuja ideologia política se demarcou do movimento político islâmico e adquiriu o rótulo de partido conservador democrático, adotando uma postura mais inclusiva de outras filiações políticas. A sua ascensão política seria fulminante, vencendo as eleições legislativas de novembro de 2002 com 34,6 por cento dos votos, assim como todas as outras que se lhe seguiram (2007, com 46,6 por cento dos votos, e finalmente em 2011 com 49,8 por cento⁵). Pelo meio várias vitórias nas eleições locais (2004, 2009 e 2014) e no referendo constitucional de 2010. Nos anos 1990 nenhum partido tinha conseguido sozinho a maioria parlamentar na Turquia. O AKP alcançou três consecutivas.

O AKP conseguiu nos primeiros anos de governo os votos não só da população mais conservadora mas também daqueles que não sendo tão religiosos esperavam que o partido levasse a cabo reformas políticas que ajudassem à democratização do país⁶. Apesar de nos primeiros anos de governo se ter verificado efetivamente um avanço no processo de democratização, em paralelo a uma positiva evolução no processo de integração europeia, desde 2005 que este se encontra estagnado⁷, com o receio de que se tenha entretanto

assistido a um retrocesso efetivo na garantia de várias dessas liberdades⁸. Na verdade, os segundo e terceiro mandatos do AKP foram marcados pelo acentuar da tensão política entre a oposição secular e o Governo e não por reformas políticas no sentido de uma maior democratização do país⁹. Para piorar a situação desde 2011 que se tem verificado um crescente comportamento autoritário por parte do governo do AKP, com a monopolização do poder político nas mãos do partido e a crescente politização do sistema judicial, além do uso de força excessiva por parte das forças policiais¹⁰.

DE GEZI AO PALÁCIO PRESIDENCIAL

O autoritarismo de Erdoğan tornou-se claro durante os protestos de Gezi em 2013 quando a brutalidade policial e a atitude obstinada do primeiro-ministro contra os manifestantes foram um sinal claro de que Erdoğan queria demonstrar o seu poder. Os protestos começaram com um pequeno grupo de manifestantes no parque Gezi, no centro de Istambul, que protestavam contra a demolição do parque para a construção de um centro comercial de estilo arquitetónico otomano, um projeto apoiado pelo próprio primeiro-ministro Erdoğan¹¹. A agressiva intervenção policial contra os manifestantes desencadeou uma forte reação popular, levando milhões de turcos para as ruas em múltiplas cidades do país, especialmente em Istambul onde centenas de milhares de pessoas se manifestaram.

Apesar disso, não foram os protestos de Gezi que mais abalaram o governo de Erdoğan, mas sim o escândalo de corrupção que veio a público alguns meses mais tarde, em dezembro de 2013. Nesta altura, a polícia prendeu os filhos de três ministros do gabinete do governo de Erdoğan, assim como o gerente de um banco estatal, o presidente de câmara do distrito de Fatih em Istambul, Mustafa Demir e um empresário responsável por vários projetos de desenvolvimento em Istambul, Ali Ağaoğlu¹². A operação anticorrupção resultou na detenção de um total de 52 pessoas¹³. Dias mais tarde, os três ministros implicados, o ministro da Administração Interna, Muammer Güler, o ministro da Economia, Zafer Çağlayan, e o ministro do Ambiente, Erdoğan Bayraktar, demitiram-se. Erdoğan reagiu dizendo que esta era apenas uma campanha contra os interesses nacionais e removeu dos cargos dezenas de responsáveis das forças policiais¹⁴. Após as eleições autárquicas, muitos destes agentes seriam mesmo detidos, sob acusação de terem conduzido escutas ilegais. Na verdade, mais de uma centena de agentes policiais foram detidos nesta operação¹⁵.

Estes escândalos revelaram um novo conflito na vida política turca: a oposição entre Erdoğan e o movimento Hizmet de Fethullah Gülen. Fethullah Gülen, o líder espiritual do movimento, que vive autoexilado na Pensilvânia, Estados Unidos, prega com base nos ensinamentos de Said Nursi por uma prática religiosa que conjuga os preceitos islâmicos com a modernidade. Este movimento foi ganhando seguidores na Turquia ao longo das últimas décadas. Inicialmente divulgadas através de pequenos grupos, as suas ideias foram ocupando lugar na sociedade, tendo criado uma importante rede com os próprios meios de comunicação, instituições educacionais e instituições financeiras¹⁶. O apoio do movimento Gülen ao governo do AKP tem vindo a esmorecer nos últimos anos,

tendo a intenção do Governo de acabar com as escolas privadas de preparação para exames do sistema educacional turco, muitas sob a direção do movimento Gülen, sido a última gota numa série de discordâncias entre as duas partes, que também incluíram a ativa crítica de membros do movimento, incluindo do próprio Gülen, à reação do governo de Erdoğan aos protestos de Gezi¹⁷. Quando o escândalo de corrupção rebentou em dezembro do ano passado envolvendo o governo AKP, Erdoğan acusou indiretamente Gülen de ser responsável pelo ataque ao governo, referindo que haveria «um estado dentro de um estado»¹⁸. De notar que a referência a «um estado dentro de um estado» na política turca não é recente. A vida política na Turquia sempre se caracterizou pela existência de múltiplas conspirações associadas a um «Estado profundo»¹⁹, referente à elite burocrática, militar e judiciária que controlava os desenvolvimentos políticos do país (e que acabou por estar na origem dos julgamentos de centenas de militares, intelectuais e políticos em 2013). É pois interessante constatar que esta referência ao «estado dentro de um estado» passou no vocabulário político turco, ou pelo menos no do seu atual presidente, a fazer referência a uma luta de poder dentro do mundo conservador-islâmico na Turquia. Num curto espaço de tempo, os ataques entre as duas partes tornaram-se claros, sendo que Erdoğan usou termos como «falso profeta» ou «falso santo»²⁰. Por sua vez, Gülen tem respondido num tom menos agressivo que Erdoğan, apenas lamentando a conduta deste e afirmando que não esteve envolvido nos escândalos de corrupção²¹.

Apesar das dúvidas levantadas²² relativamente ao impacto que esta guerra entre Gülen e Erdoğan pudesse ter no sucesso eleitoral do AKP, os resultados nas eleições locais de março de 2014 mostraram justamente que este continuava a ser o partido dominante na Turquia. É verdade que o período que antecipou as eleições autárquicas na Turquia foi bastante con-

turbado. Foram divulgados na internet vídeos comprometedores do governo de Erdoğan, que alegadamente mostravam um diálogo entre o próprio primeiro-ministro de então e o seu filho sobre como esconder quantias avultadas de dinheiro. Estes vídeos terão sido gravados a 17 de dezembro quando irrompeu o escândalo de corrupção envolvendo aliados de Erdoğan²³. Estes eventos desencadearam novos protestos em várias cidades da Turquia. Em Istambul, 70 pessoas foram detidas em protestos cujo lema

era «agarra o ladrão»²⁴. Até às eleições, a divulgação de vídeos comprometedores em relação ao Governo foi constante. Em fevereiro foi divulgado um vídeo com a transcrição de uma escuta telefónica alegadamente entre Erdoğan e o seu filho, Bilal Erdoğan, que visava uma conversa entre os dois sobre como retirar milhões de euros em dinheiro de uma casa.

Outra das escutas divulgadas, seria uma alegada conversa entre o então ministro dos Negócios Estrangeiros Ahmet Davutoğlu, e Hakan Fidan, chefe dos Serviços Secretos turcos, sobre

APESAR DAS DÚVIDAS LEVANTADAS
RELATIVAMENTE AO IMPACTO QUE A GUERRA
ENTRE GÜLEN E ERDOĞAN PUDESSE TER NO
SUCESSO ELEITORAL DO AKP, OS RESULTADOS
NAS ELEIÇÕES LOCAIS DE MARÇO DE 2014
MOSTRARAM JUSTAMENTE QUE ESTE
CONTINUAVA A SER O PARTIDO DOMINANTE
NA TURQUIA.

a possibilidade de uma intervenção militar na Síria para proteger o túmulo de Salomão Shah, que se encontra num exclave turco naquele país, contra os ataques do Estado Islâmico (EI). Fidan terá proposto enviar agentes para a Síria para que estes lançassem mísseis para o território turco e assim forjar uma justificação da intervenção militar turca no exclave²⁵. Erdoğan acusou Gülen de ser responsável pela divulgação das escutas²⁶.

Em consequência da divulgação de toda esta informação comprometedora, o governo de Ancara decretou guerra às redes sociais tendo, durante este período, proibido o acesso ao Youtube e ao Twitter. Em fevereiro de 2014, o parlamento turco aprovou uma lei referente à proteção de privacidade *on-line* que gerou controvérsia e críticas de que esta restringiria o direito à liberdade de expressão²⁷. A lei previa que o presidente da Direção de Telecomunicações turca pode decidir o bloqueio de *websites* devido à violação de privacidade sem a aprovação prévia de um tribunal. O bloqueio foi levantado depois de um mês para o Twitter e dois meses para o Youtube²⁸. Este episódio demonstra o porquê das preocupações levantadas relativamente ao governo de Erdoğan, não só internamente mas também a nível internacional, sendo que a lei referida foi amplamente criticada por oficiais da União Europeia e Estados Unidos²⁹. Entretanto, a atribuição do poder de bloquear *websites* à Direção de Telecomunicações foi declarada inconstitucional pelo Tribunal Constitucional turco³⁰.

No entanto, as eleições autárquicas confirmaram o apoio ao AKP que ganhou também as eleições em Istambul e em Ancara, apesar de ambos os candidatos do AKP e do maior partido da oposição, o Partido Republicano do Povo (CHP), terem declarado a vitória para si próprios poucas horas depois do fecho das urnas³¹. Em termos nacionais, o AKP conseguiu cerca de 43 por cento dos votos (mais 4,5 por cento que em 2009), uma vitória seguida de um discurso de Erdoğan no qual este prometeu que os seus inimigos iriam «pagar» pelas acusações de que tinha sido alvo³². Na verdade, mesmo após as eleições, a tensão política ainda se fazia sentir, devido a acusações de fraude e a apelos veementes à recontagem dos votos em algumas localidades, incluindo Ancara³³.

O tratamento que os meios de comunicação social deram a estas eleições suscitou críticas de parcialidade a favor do partido do Governo. Por exemplo, logo após as eleições, a agência noticiosa estatal mostrou resultados diferentes daqueles apresentados pela agência privada Cihan³⁴. Também durante as eleições presidenciais registaram-se problemas, com mais acusações de censura a órgãos de comunicação independentes, incluindo mais uma vez a agência Cihan, aparentemente impedida de ter acesso a eventos cruciais como o encontro do AKP onde seria escolhido o próximo primeiro-ministro turco³⁵. De notar que esta agência terá ligações ao movimento Gülen³⁶ e terá sido esta a primeira vez em que terá sido excluída deste tipo de acontecimento³⁷.

Em contraste com o período conturbado que antecipou as eleições autárquicas, as presidenciais decorreram de forma pacífica, ou mesmo, até, passiva. Erdoğan, interdito segundo as leis do partido de se candidatar a um quarto mandato como primeiro-ministro nas eleições legislativas que se vão realizar no próximo ano³⁸, era o principal candidato à vitória. Por forma a conseguir propor uma alternativa viável à popularidade de Erdoğan, os maiores partidos da

oposição, o republicano e secular CHP e o Partido de Ação Nacionalista (MHP), formaram uma coligação cujo candidato foi Ekmeleddin İhsanoğlu, anterior secretário-geral da Organização para a Cooperação Islâmica. Esta escolha demonstrou uma tentativa de apelar também aos eleitores mais conservadores, que normalmente votariam em Erdoğan. Apesar disso, Erdoğan foi o vencedor com quase 52 por cento dos votos, enquanto Ekmeleddin İhsanoğlu arrecadou quase 39 por cento. O terceiro candidato, Selahattin Demirtaş, do Partido Democrático Popular (HDP, na sigla turca), apesar de não ter conseguido sequer 10 por cento dos votos, foi visto como um dos «vencedores» da noite³⁹, por ter sido o candidato com mais votos no sudeste turco de maioria curda, (o que não é totalmente inesperado devido às fortes ligações do HDP ao partido curdo BDP), e também pela mensagem que a sua campanha passou, em defesa da luta pelos direitos e liberdades fundamentais na Turquia⁴⁰.

UM FUTURO INCERTO

A candidatura e consequente vitória de Recep Tayyip Erdoğan nas eleições presidenciais levantam inúmeras questões sobre o futuro político da Turquia, incluindo uma possível mudança de institucional de um sistema parlamentar para um sistema presidencial. No seu discurso de vitória como presidente, Erdoğan fez referência ao começo de uma nova era, benéfica para todos⁴¹; a uma nova Turquia diferente daquela dominada por um sistema autoritário e por golpes de Estado⁴², em referência ao quase século de domínio republicano e secular, no qual o setor militar detinha o papel de zelar pela segurança. No entanto, muitos veem nesta nova Turquia o mesmo autoritarismo por outros meios e outros atores. O próprio Erdoğan referiu nos seus discursos de campanha que não tencionava ser um presidente neutro e que iria permanecer influente, sendo que «aqueles que querem um presidente neutro na realidade querem um presidente que fique do lado do Estado contra o povo. Essa era terminou»⁴³, declarou, numa clara referência ao domínio do Estado pela elite secular. No discurso proferido para o seu partido depois das eleições presidenciais, este expressou a sua vontade de que o AKP consiga a maioria parlamentar necessária para alterar a Constituição nas eleições legislativas de 2015⁴⁴. Como já foi referido anteriormente, Erdoğan é o primeiro Presidente eleito por sufrágio universal na Turquia. Até agora, o Presidente era nomeado pelo parlamento turco, algo que foi alterado em 2007 depois de um referendo que apoiou a proposta de alteração à Constituição turca que determinava a eleição por sufrágio universal do Presidente da República⁴⁵. Esta mudança oferece maior legitimidade ao Presidente para se envolver de forma mais ativa na política nacional⁴⁶.

A intenção de transformar o sistema político turco num sistema presidencial através da alteração da Constituição já tinha sido anteriormente expressa por Erdoğan e pelo AKP, mas tal vontade não conseguiu o apoio da oposição necessário para levar a cabo esta reforma⁴⁷. Daí que a presidência de Erdoğan seja apontada por alguns como uma forma de conseguir na prática o exercício de um sistema presidencial apesar de formalmente o papel do Presidente não ter sido alterado⁴⁸. De notar que, Erdoğan tem justificado o seu poder através das suas sucessivas vitórias eleitorais desde 2002, confundindo a vontade da maioria com a vontade

da nação⁴⁹. Neste ponto, vários analistas comparam Erdoğan ao Presidente russo, Vladimir Putin⁵⁰: os tiques autoritários de Erdoğan e a perseguição aos seus oponentes, como no caso do movimento Gülen, são vistos como semelhantes ao *modus operandi* do Presidente russo. É uma comparação que, por enquanto tem os seus limites, uma vez que Erdoğan não possui, neste momento, o mesmo espaço de manobra que Vladimir Putin tem na Rússia. No entanto, em particular se a Turquia acabar por evoluir para um sistema presidencial⁵¹, é possível que as semelhanças entre os líderes se acentuem nos próximos anos.

IMPACTOS EXTERNOS

Além de um novo Presidente da República (e como consequência disso), a Turquia tem agora também um novo primeiro-ministro.

Apesar de alguma especulação antes das eleições presidenciais sobre uma eventual troca de lugares entre o então presidente Abdullah Gül e Erdoğan, muito à semelhança da situação entre Putin e Medvedev na Rússia⁵², o sucessor apontado pelo partido foi Ahmet Davutoğlu, até então ministro dos Negócios Estrangeiros. A nomeação de Davutoğlu levantou questões quanto ao afastamento de Abdullah Gül de cargos preeminentes no Governo. A relação entre Erdoğan e Gül terá sofrido com os eventos mais recentes, sendo que Gül adotou uma postura mais conciliatória, especialmente em relação aos protestos no país que o então primeiro-ministro⁵³, enquanto que Davutoğlu permaneceu leal a Erdoğan⁵⁴, algo que o atual presidente da Turquia não deixou de referir na cerimónia⁵⁵ que consagrou Davutoğlu como líder do AKP e consequente primeiro-ministro⁵⁶.

Ahmet Davutoğlu tem sido o responsável pela estratégia política do AKP em relação à política externa da Turquia, mesmo antes de ter sido nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros em 2009. Foi com base nas ideias de Davutoğlu e na sua conceção de «profundidade estratégica» que a política externa da Turquia durante o governo do AKP procurou, na última década, fortalecer laços com os países vizinhos do Médio Oriente, Cáucaso e Balcãs. Durante este período, a Turquia tentou assumir um papel mais relevante na política internacional, tanto ao nível bilateral, como multilateral. No entanto, Davutoğlu e a política externa da Turquia têm sido criticados nos últimos anos pela forma como a Turquia tem sido incapaz de lidar com um Médio Oriente pós-Primavera Árabe⁵⁷, marcado pela guerra civil na Síria e pela crescente ameaça de instabilidade no Iraque.

A retórica turca relativamente à influência positiva de Ancara na região, incluindo a capacidade de mediação de conflitos e o uso da diplomacia para chegar a acordo entre partes beligerantes⁵⁸, acabou por revelar a falta de uma estratégia clara na resposta da Turquia a estes eventos⁵⁹, expondo o vazio da política externa de Ancara e a sua limitada influência na região.

Apesar de promover a luta pela democracia na região, Ancara teve dificuldade em apoiar forças antirregime nos casos dos países com que mantinha boas relações económicas,

A INTENÇÃO DE TRANSFORMAR O SISTEMA POLÍTICO TURCO NUM SISTEMA PRESIDENCIAL ATRAVÉS DA ALTERAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO JÁ TINHA SIDO ANTERIORMENTE EXPRESSA POR ERDOĞAN E PELO AKP, MAS TAL VONTADE NÃO CONSEGUIU O APOIO DA OPOSIÇÃO NECESSÁRIO PARA LEVAR A CABO ESTA REFORMA.

como foi o caso da Líbia de Qaddafi. No caso da Líbia, a Turquia, depois de alguma relutância, acabou por se juntar à intervenção da NATO no país, embora de uma forma passiva numa operação liderada pela França e pela Grã-Bretanha, com o apoio dos Estados Unidos. Consciente de que esta indecisão poderia levar a um decréscimo na popularidade da Turquia na região, a resposta por parte do Governo turco tornou-se mais assertiva com os casos do Egito e Síria⁶⁰. No Egito, o AKP foi claro no seu apoio ao fim do regime de Mubarak e à ascensão política da Irmandade Muçulmana. Na verdade, a tensão entre o Governo turco e o egípcio é hoje visível dado o contínuo apoio de Ancara a Morsi, entretanto afastado do Governo⁶¹.

Apesar de tudo, o maior desafio à política externa da Turquia foi e continua a ser a Síria. Depois de uma década que parecia ter estabilizado as relações entre os dois países, as revoltas populares na Síria voltaram a colocar Ancara e Damasco em polos opostos. Esta proximidade fez com que a Turquia tivesse tentado, após os primeiros sinais significativos de contestação popular, influenciar o regime de Bashar al-Assad a levar a cabo as reformas exigidas pela população⁶². Uma vez que Assad não mudou de posição, a Turquia assumiu uma posição tendencialmente crítica, acabando por ativamente apoiar os movimentos de oposição⁶³. Nesse sentido, o EI surge como um enorme desafio à política externa turca.

Tanto no caso do Iraque como no caso da Síria, uma eventual desintegração destes países não só geraria imprevisíveis ondas de instabilidade, como potencialmente levaria à constituição de um estado curdo na sua fronteira, uma questão que se tornou ainda mais relevante dado o apoio que os curdos têm recebido por parte dos Estados Unidos na luta contra o EI⁶⁴. Mesmo Ancara tem colaborado com os curdos iraquianos na defesa da cidade síria (curda) de Kobane^{65, 66}.

O atual contexto de violência que assola a região pode afetar diretamente os planos de Erdoğan para o futuro político da Turquia, nomeadamente os planos quanto à alteração da Constituição e consequente mudança para um sistema presidencial. Uma eventual alteração da Constituição depende do apoio do partido pró-curdo Partido da Paz e da Democracia (BDP, na sigla turca). Essa tem sido uma das razões que tem levado Erdoğan a procurar uma conciliação com o movimento rebelde do PKK, em particular com o seu líder Abdullah Öcalan, que se encontra em prisão perpétua desde 1999⁶⁷.

No entanto, este processo está em risco pela falta de empenho da Turquia em defender a cidade síria (curda) de Kobane contra o EI. Para o governo de Ancara que tem tido uma posição pouco firme relativamente à rápida ascensão do EI⁶⁸, o dilema é grave: ou apoia as forças rebeldes curdas, potenciando a ascensão do PKK e de outros movimentos a estes ligados, ou não o faz e correndo o risco de ter de lidar com uma crise humanitária de escala imprevisível. De facto, Ancara tem evitado uma colaboração total com os Estados Unidos no combate ao EI na Síria, tentando ao mesmo tempo conseguir o apoio da comunidade internacional para uma estratégia que vise não só combater o EI mas também remover Assad do poder. Davutoğlu declarou que a Turquia fará «o

possível para ajudar as pessoas de Kobane porque são nossos irmãos e irmãs. Não os vemos como curdos, turcomanos ou árabes. Se há necessidade para uma intervenção em Kobane, nós dizemos que há necessidade de intervir em toda a Síria, em toda a nossa fronteira»⁶⁹. Esta seria uma maneira de garantir que o PKK deixasse de ver Assad como um aliado⁷⁰.

A não-intervenção da Turquia na defesa de Kobane provocou ainda protestos em vários pontos do país, provocando a morte de dezenas de pessoas, principalmente no leste do país⁷¹. O Governo chegou mesmo a declarar o recolher obrigatório para várias províncias da região⁷².

O número de refugiados (registados) na Turquia ascende hoje em dia a quase 900 mil⁷³. Este número tão significativo tem levado a um escalar da tensão entre diferentes grupos étnicos na região, nomeadamente na província de Hatay onde a chegada de um elevado número de refugiados, maioritariamente sunitas, perturba o delicado equilíbrio entre as diferentes etnias na região⁷⁴, sendo este um fenómeno que igualmente presente noutros pontos do país⁷⁵.


A chegada de tantos refugiados coloca igualmente em questão a capacidade financeira da Turquia em financiar a criação e manutenção de campos de refugiados. De acordo com a UNHCR, a Turquia estava já com dificuldades em lidar com os refugiados provenientes um pouco de

O ATUAL CONTEXTO DE VIOLÊNCIA QUE ASSOLA A REGIÃO PODE AFETAR DIRETAMENTE OS PLANOS DE ERDOĞAN PARA O FUTURO POLÍTICO DA TURQUIA, NOMEADAMENTE OS PLANOS QUANTO À ALTERAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO E CONSEQUENTE MUDANÇA PARA UM SISTEMA PRESIDENCIAL.

toda a Síria, antes de receber os mais de 180 mil residentes de Kobane⁷⁶. A Turquia gastou já quatro mil milhões de dólares na assistência aos refugiados, sendo que 220 mil vivem nos campos providenciados pelo Governo e mais de 85 por cento vive fora dos campos, segundo a Amnistia Internacional⁷⁷. A nível interno, o estatuto dos refugiados sírios levanta ainda questões relativamente a uma eventual estratégia do Governo para conseguir mais apoio eleitoral para o AKP, através da concessão de cidadania a muitos destes⁷⁸.

CONCLUSÃO

A Turquia vive hoje num contexto de enorme instabilidade externa e de incerteza quanto ao rumo político e económico do país. No segundo trimestre de 2014, o crescimento económico foi mais lento que o esperado, ficando apenas nos 2,1 por cento⁷⁹. Entre outros aspetos, a tensão política gerou uma quebra de confiança no mercado turco, provocando a saída de capital que levou o banco central a aumentar acentuadamente as taxas de juro no início de 2014⁸⁰. O AKP domina a vida política, mas são inúmeros os sinais de fim de regime, com o avolumar dos casos de corrupção, com a multiplicação dos casos de censura e com as cada vez mais frequentes demonstrações de descontentamento popular. O caminho traçado por Erdoğan que pretende ver a Turquia

entre as dez maiores economias mundiais em 2023 (aquando da comemoração do centenário da República) parece hoje mais distante do que há alguns anos atrás. O processo de integração europeia só existe no papel e a política de «problemas zero com a vizinhança» não passa hoje de uma ironia do destino. A Turquia continua, por enquanto, a ser uma potência «emergente». Resta saber até quando. 

Data de receção: 21 de outubro de 2014 | Data de aprovação: 14 de novembro de 2014

NOTAS

- 1 DOMBEY, Daniel – «Turkey's Erdoğan lurches towards authoritarianism». In *The Financial Times*. [Consultado em: 11 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/e89e8d74-cfcl-11e3-a2b7-00144feabd0c.html#axzz36GDWYJlJN>
- 2 «FM Undersecretary Sınırlıoğlu travels to US». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 11 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/_fm-undersecretary-sinirlioglu-travels-to-us_353643.html
- 3 «Erdoğan says won't be impartial president». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 11 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/_erdogan-says-wont-be-an-impartial-president_352407.html
- 4 HALE, William, ÖZBUDUN, Ergun – *Islamism, Democracy and Liberalism in Turkey - the case of the AKP*. Nova York: Routledge, 2010.
- 5 AK Parti. Elections. Disponível em: <http://www.akparti.org.tr/english/secimler/genel/2011/>
- 6 TURAM, Berna – «Are rights and liberties safe?». In *Journal of Democracy*, Vol. 23, N.º 1, 2012, pp. 109-118.
- 7 AYDIN-DÜZGİT, Sinem, e KEYMAN, Fuat – «EU, Turkey relations and the stagnation of Turkish democracy». In *Global Turkey in Europe Series*. Working Paper 2, 2012.
- 8 A Turquia prendeu em 2013 mais jornalistas que qualquer outro país no mundo. Ver KESTLER-D'AMOURS, Jillian – «Turkey: "World's biggest prison" for media». In *Aljazeera*. [Consultado em: 16 outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/02/2013217124044793870.html>
- 9 TURAM, Berna – «Are rights and liberties safe?». In *Journal of Democracy*. Vol. 23, N.º 1, 2012, pp. 109-118.
- 10 ÖNİŞ, Ziya – «Monopolizing the Center: the AKP and the uncertain path of Turkish democracy». Disponível em http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2499213
- 11 LETSCH, Constanze – «A year after the protests, Gezi park nurtures the seeds of a new Turkey». In *The Guardian*. [Consultado em: 5 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/may/29/gezi-park-year-after-protests-seeds-new-turkey>
- 12 «Highlights of major corruption, bribery operations of Dec. 17, 25». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/_highlights-of-major-corruption-bribery-operations-of-dec17-25_357703.html
- 13 «Turkey PM Erdoğan condemns "dirty" corruption probe». In *BBC News*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-europe25437624>
- 14 «Top Turkish ministers resign over Halkbank corruption probe». In *Deutsche Welle*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.dw.de/top-turkish-ministers-resign-over-halk-bank-corruption-probe/a-17323507>
- 15 YACKLEY, Ayla Jean – «Turkish court orders arrest of 12 more police officers in wiretap probe». In *Reuters*. [Consultado em: 30 de setembro de 2014]. Disponível em: <http://news.yahoo.com/turkish-court-orders-arrest12-more-police-officers022339442.html>
- 16 YAVUZ, Hakan M. – «The Gülen Movement - The Turkish Puritans». In *Turkish Islam and the secular state: the Gülen movement*. Nova York: Syracuse University Press, 2003, pp. 19-47.
- 17 URAS, Umut – «Turkish probe marks AKP-Gülen power struggle». In *Aljazeera*. [Consultado em: 4 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/12/turkish-probe-marks-akp-gulen-power-struggle2013122473646994231.html>
- 18 ARANGO, Tim – «Corruption scandal is edging near Turkish premier». In *The New York Times*. [Consultado em: 6 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.nytimes.com/2013/12/26/world/europe/turkish-cabinet-members-resign.html?pagewanted=all&_r=1&
- 19 ÖKTEM, Kerem – *Angry Nation: Turkey since 1989 [Global History of the Present]*. Nova York: Zed Books, 2011.
- 20 «Erdoğan steps up hateful speech against Gülen». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/national_erdogan-steps-up-hateful-speech-against-gulen_361501.html
- 21 «Islamic scholar Gülen says Turkey's graft scandal can't be covered up». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/_islamic-scholar-gulen-says-turkeys-graft-scandal-cant-be-covered-up_337707.html
- 22 ÖZBUDUN, Ergun – «AKP at the crossroads: Erdoğan's majoritarian drift». In *South European Society and Politics*, Vol. 19, N.º 2, 2014, pp. 155-167.
- 23 «Turkey PM Erdoğan says "tapped" phone call to son "fabricated"». In *BBC News*. [Consultado em: 13 de outubro de 2014]. Disponível em <http://www.bbc.com/news/world-europe26336354>
- 24 LETSCH, Constanze – «Turkey: Erdoğan under new pressure to quit as protesters take to the streets». In *The Guardian*. [Consultado em: 13 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2013/dec/28/erdogan-pressure-quit-turkey-protests>
- 25 TATTERSALL, Nick – «Turkey calls Syria security leak "villanious", blocks Youtube». In *The Guardian*. [Consultado em: 13 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/03/27/us-syria-crisis-turkey-idUSBREA2Q17420140327>
- 26 «Turkish PM accuses prosecutors and police of spying». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/turkish-pm-accuses-prosecutors-and-police-of-spying.aspx?pageID=238&nID=62999&NewsCatID=338>
- 27 «US "shares concerns" regarding Turkey's internet bill». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 30 de setembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/-us-shares-concerns-regarding-turkeys-internet-bill.aspx?pageID=238&nID=62153&NewsCatID=339>
- 28 «Youtube access restored in Turkey». In *BBC News*. [Consultado em: 30 de

setembro de 2014). Disponível em: <http://www.bbc.com/news/technology-27691892>

29 «US "shares concerns" regarding Turkey's internet bill». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 30 de setembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/-us-shares-concerns-regarding-turkeys-internet-bill.aspx?pageID=238&nID=62153&NewsCatID=339>

30 «Turkish Constitutional Court strips internet authority of right to close websites». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/turkish-constitutional-court-strips-internet-authority-of-right-to-close-websites.aspx?pageID=517&nID=72479&NewsCatID=339>

31 LETSCH, Constanze – «Turkish local elections: AKP set for victory». In *The Guardian*. [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/mar/30/turkey-elections-erdogan-truth>

32 URAS, Umut – «Turkish PM claims landslide election win». In *AlJazeera*. [Consultado em: 28 de setembro de 2014] Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/europe/2014/03/turkish-pm-claims-landslide-election-win201433072930325489.html>

33 «Turkey's opposition seeking recount of Ankara poll results». In *Reuters*. [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/04/03/us-turkey-election-opposition-idUSBREA320NG20140403>

34 LETSCH, Constanze – «Turkish local elections: AKP set for victory». In *The Guardian*. [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/mar/30/turkey-elections-erdogan-truth>

35 «Accreditation barrier for 13 media institutions by AKP». In *Bia News Desk*. [Consultado em: 2 de outubro de 2014] Disponível em: http://www.bianet.org/english/politics/158127-accr-creditation-barrier-for-13-media-institutions-by-akp?bia_source=facebook&utm_source=dvr.it&utm_medium

36 «Turkey's new era for Erdoğan begins with media restrictions». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 30 de setembro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/_turkeys-new-era-for-erdogan-begins-with-media-restrictions_356868.html

37 «Accreditation barrier for 13 media institutions by AKP». In *Bia News Desk*.

38 LETSCH, Constanze – «Turkish local elections: AKP set for victory». In *The Guardian*.

39 KIZILKAYA, Emre – «Explained: Turkey's presidential election results in a nutshell». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/explained-turkeys-presidential-election->

[results-in-a-nutshell.aspx?pageID=517&nID=70588&NewsCatID=338](http://www.hurriyetdailynews.com/explained-turkeys-presidential-election-results-in-a-nutshell.aspx?pageID=517&nID=70588&NewsCatID=338)

40 ÜSTÜNTAĞ, Gülten – «Demirtaş's HDP might evolve into Turkey's party if Öcalan allows it». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/_demirtass-hdp-might-evolve-into-turkeys-party-if-ocalan-allows-it_355401.html

41 «As it happened: Erdoğan vows "new era" after elected Turkey's 12th president». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 30 de setembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/as-it-happened-erdogan-vows-new-era-after-elected-turkeys12th-president.aspx?pageID=238&nID=70201&NewsCatID=338>

42 «People choose Erdoğan as president, Turkey enters new era». In *Daily Sabah* [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.dailysabah.com/politics/2014/08/10/erdogan-announced-as-the-new-president-of-turkey>

43 *Apud* «In his first campaign rally, Turkish PM Erdoğan vows to be an active president». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 1 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/in-his-first-campaign-rally-turkish-pm-erdogan-vows-to-be-an-active-president.aspx?PageID=238&NID=68722&NewsCatID=338>

44 «Erdoğan's grand plan: New Turkey, New Constitution». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 8 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/erdogans-grand-plan-new-turkey-new-constitution.aspx?PageID=238&NID=70646&NewsCatID=429>

45 ETE, Hatem, YILMAZ, Nuh, e ÜSTÜN, Kadir – «Turkey's Constitutional Referendum of 2010 and Insights for the General Elections of 2001». In *SETA Policy Report*, Vol. 5, 2011.

46 ÖZERTEM, Hasan S., e ÖZDAL, Habibe – «What will the power shift bring to Turkish politics and to Turkey-Russia relations?». In *The Journal of Turkish Weekly*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.turkishweekly.net/news/171241/what-will-the-power-shift-bring-to-turkish-politics-and-to-turkey-russia-relations.html>

47 «Ruling AKP vocal for presidential system in run-up to August vote». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 6 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/ruling-akp-vocal-for-presidential-system-in-run-up-to-august-vote.aspx?pageID=238&nID=69479&NewsCatID=338>

48 *Apud* ALBAYRAK, Aydın – «Erdoğan's bid to create de facto presidential system to lead tension». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 6 de outubro de 2014]. Disponível em: https://www.todayszaman.com/newsDetail_openPrintPage.action?newsId=345682; Apud AKARÇESME, Sevgi

– «Erdoğan's plans for PM complex signal de facto presidential system». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: http://www.todayszaman.com/national_erdogans-plans-for-pm-complex-signal-de-facto-presidential-system_357577.html

49 TOKER, Cem – «Elections in Turkey: Fair or Fraude-riden?». In *Turkish Policy Quarterly*. Vol. 12, N.º 4, 2014, pp. 115-123.

50 TARIHOĞLU, Merve, e ZILBERMAN, Boris – «Vladimir Erdoğan: how the Turkish premier is consolidating power, Russia-style». In *Forbes*. [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/realspin/2014/07/23/vladimir-erdogan-how-the-turkish-premier-is-consolidating-power-russia-style/?BERSHIDSKY, Leonid> – «The Vladimir Putin school of leadership». In *Bloomberg* [Consultado em: 12 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.bloombergvie.com/articles/2014-08-05/the-vladimir-putin-school-of-leadership>

51 CENGİZ, Orhan K. – «The difference between Putin and Erdoğan». In *Today's Zaman*. [Consultado em: 6 de outubro de 2014]. Disponível em: https://www.todayszaman.com/columnist/orhan-kemal-cengiz_351402_the-difference-between-putin-and-erdogan.html

52 YETKİN, Murat – «Is Putin-Medvedev model applicable to Erdoğan-Gül?». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 6 de outubro de 2011]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/is-putin-medvedev-model-applicable-to-erdogan-gul.aspx?pageID=449&nID=8508&NewsCatID=409>

53 «Gül "frozen out of running" for Turkey PM». In *AFP*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://news.yahoo.com/gul-frozen-running-turkey-pm005720681.html>

54 ÇOSKUN, Orhan – «Turkish President Gül tips FM Davutoğlu to be next prime minister». In *Reuters*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/08/19/us-turkey-government-idUSKBN0J21220140819>

55 «As it happened, Turkey's ruling party elects Davutoğlu as new chair». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 28 de agosto de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/as-it-happened-turkeys-ruling-party-elects-davutoglu-as-new-chair.aspx?pageID=238&nID=70965&NewsCatID=338>

56 De notar ainda que o carisma de Erdoğan e o seu estilo populista marcam a sua liderança, sendo que até a sua despedida do partido levou alguns dos deputados do AKP às lágrimas. Ver em ÖZEL, Rıza – «PM Erdoğan's "final group speech" moves deputies to tears». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/in-photos-pm-erdogans-final-group-speech-moves-deputies-to->

- tears.aspx?PageID=238&NID=69477&NewsCatID=338
- 57** COOK, Steve – «Arab Spring, Turkish Fall». In *Foreign Policy*. [Consultado em: 20 de outubro de 2014]. Disponível em: http://mideastafrica.foreignpolicy.com/posts/2011/05/05/arab_spring_turkish_fall; KIBAROĞLU, Mustafa – «What went wrong with the “Zero Problems with Neighbors” doctrine?». In *Turkish Policy Quarterly*. Vol. 11, N.º 3, 2012, pp. 85-93.
- 58** DAVUTOĞLU, Ahmed – «Turkey’s mediation: critical reflections from the field». In *Middle East Policy*, Vol. 20, N.º 1, 2013, pp. 45-90.
- 59** ÖNIŞ, Ziya – «Turkey and the Arab Spring: between ethics and self-interest». In *Insight Turkey*, Vol. 14, N.º 3, 2012, pp. 45-63.
- 60** ÖNIŞ, Ziya – «Turkey and the Arab revolutions: boundaries of regional power influence in a turbulent Middle East». In *Mediterranean Politics*. Vol. 19, N.º 2, pp. 203-219.
- 61** ALBAYRAK, Aydın – «Erdoğan’s biting language towards Egypt’s Sisi costly for Turkey». In *Today’s Zaman*. [Consultado em: 26 de novembro de 2014]. Disponível em: http://www.todayozaman.com/national_erdogans-biting-language-towards-egypts-sisi-costly-for-turkey_360732.html
- 62** OĞUZLU, Tarık – «The “Arab Spring” and the rise of the 2.0 version of Turkey’s “zero problems with neighbors” policy». In *SAM Papers*, N.º 1, 2012.
- 63** AKYOL, Mustafa – «The truth about Turkey and ISIL (I)». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 26 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/the-truth-about-turkey-and-isil-i.aspx?pageID=449&nID=71803&NewsCatID=411>
- 64** KAPLAN, Morgan L. – «Why the US backed the Kurds». In *The Washington Post*. [Consultado em: 27 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/monkkey-cage/wp/2014/09/09/why-the-u-s-backed-the-kurds/>
- 65** SOLAKER, Gülsen, e PERRY, Tom – «Turkey to let Iraqi Kurds reinforce Kobani as U.S. drops arms to defenders». In *Reuters*. [Consultado em: 27 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/10/20/us-mideast-crisis-usa-airdrops-idUSKCN01904X20141020>
- 66** Apesar do receio de que estes acontecimentos poderão implicar para a população curda na Turquia, o interesse econômico por parte da Turquia no território curdo iraquiano é notório; HEUVLEEN, Ben Van – «Iraq’s Kurdish region pursues ties with Turkey». In *The Washington Post*. [Consultado em: 26 de novembro de 2014]. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/iraqs-kurdish-region-pursues-ties-with-turkey--for-oil-and-independence/2013/11/09/ffae210a-41a5-11e3-8b74-d89d714ca4dd_story.html
- 67** LARRABEE, F. Stephen – «Why Erdoğan wants peace with the PKK – The end of an insurgency». In *Foreign Affairs*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/139081/f-stephen-larrabee/why-erdogan-wants-peace-with-the-pkk>
- 68** YILDIZ, Güney – «Turkey’s PKK peace process at “risk” from Syria crisis». In *BBC News*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-europe29403550>
- 69** Apud KREVER, Mick – «Turkey willing to put troops in Syria “if others do their part”, Prime Minister says». In *CNN*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/10/06/world/meast/amanpour-davutoglu-interview/>
- 70** YETKIN, Murat – «Turkey, Isil and the PKK: it’s complicated». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 10 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/turkey-isil-and-the-pkk-its-complicated.aspx?PageID=238&NID=72628&NewsCatID=409>
- 71** HÜRRIYET DAILY NEWS – “Turkish PM blames opposition, world powers as protest death toll rises”. In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 27 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/turkish-pm-blames-opposition-world-powers-as-protest-death-toll-rises.aspx?PageID=238&NID=72722&NewsCatID=338>
- 72** «Wrap up: at least 26 killed in ISIL protests across Turkey as curfew declared in six provinces». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 27 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/wrap-up-at-least18-killed-in-isil-protests-across-turkey-as-curfew-declared-in-six-provinces.aspx?pageID=517&nID=72659&NewsCatID=341>
- 73** «Syria Regional Refugee Response». In *UNHCR*. [Consultado em: 13 de outubro de 2014]. Disponível em: <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/country.php?id=224>
- 74** «Blurring the borders: Syrian Spillover Risks for Turkey». In *International Crisis Group*. [Consultado em: 28 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.crisisgroup.org/en/publication-type/media-releases/2013/europe/blurring-the-borders-syrian-spillover-risks-for-turkey.aspx>
- 75** IDIZ, Semih – «Turkey’s Syrian refugee problem spirals out of control». In *Al Monitor*. [Consultado em: 28 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/07/idiz-turkey-syrian-refugees-local-tension-adana-istanbul.html#>
- 76** GUILBERT, Kieran – «More funds needed for million Syrian refugees in Turkey: UNHCR». In *Reuters*. [Consultado em: 28 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/10/09/us-foundation-syria-turkey-refugees-idUSKCN0HXYC20141009>
- 77** LETSCH, Constanze – «Amnesty report reveals desperate plight of Syrian refugees in Turkey». In *The Guardian*. [Consultado em: 28 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/nov/20/amnesty-report-desperate-plight-syrian-refugees-turkey>
- 78** «Turkish government to let Syrian refugees vote in elections, CHP claims». In *Hürriyet Daily News*. [Consultado em: 28 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/turkish-government-to-let-syrian-refugees-vote-in-elections-chp-claims.aspx?pageID=238&nid=58449>
- 79** ZALEWSKI, Piotr – «Turkey’s economic growth slower than expected». In *Financial Times*. [Consultado em: 14 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/c05636f0-38cb-11e4-a53b-00144feabdc0.html#axzz3JlTs9kj>
- 80** Turkey Economic Forecast Summary, OCDE, maio 2014. [Consultado em: 14 de novembro de 2014]. Disponível em: <http://www.oecd.org/economy/turkey-economic-forecast-summary.htm>